

PARA A HISTORIA DO CINEMA EM PORTUGAL

Projectos, Esperanças e Realidades

A) para cima, para Benfica, longe do bulício da cidade, entre arvoredos de jardins opulentos de velhos palácios, ficam os laboratórios da Lisboa-Film, a primeira firma produtora de filmes que vai responder ao nosso inquerito.

Anibal Contreras, simpático rapaz todo vida e movimento, sócio da casa e operador distintíssimo, começa o seu depoimento curioso para a história da cinematografia em Portugal:

— Sou dos que mais modesta, mas também mais tenazmente, venho pugnando, já há muitos anos, pelo desenvolvimento da industria nacional de filmes. As minhas primeiras tentativas fi-las com dois dos seus mais ilustres colegas no jornalismo — Hermano Neves e Reinaldo Ferreira. Falharam ambas. Passaram-se os anos e apesar de muitas horas de desalento, sempre a esperança subsistiu, até que um dia me encontrei casualmente com um grande amador de cinema. Falámos, trocámos impressões. O amador de cinema passou a ser um artista estudioso, um inovador. José Cesar de Sá é o seu nome...

— Nome já bem conhecido e apreciado...

— Outros amigos nos seguiram, e nasceu a Lisboa-Film. Começámos a trabalhar silenciosa e modestamente, sem alardes nem espaventos, e em breve conseguíamos ultrapassar todas as nossas esperanças. A nossa posição de hoje é relativamente interessante. Ocupamo-la sem favores, por direito de conquista.

«Os nossos trabalhos mereceram elogios, e é bom que se saiba, para que se desfaçam más impressões, que temos encontrado em todas as entidades cinematográficas, como Raul Lopes Freire, Castelo Lopes, Paramount, Metro-Goldwyn, fornecedores e exibidores, o mais perfeito acolhimento.

«Consideramos os nossos trabalhos interessantes, porque usamos sempre do maximo cuidado nas respectivas confecções, mas não os julgamos isentos de imperfeições pois ainda não conseguimos remover certas dificuldades que surgem, como é natural, numa industria nova. No entanto julgamos possível, com os elementos com que contamos, chegar onde queremos, e devemos chegar, porque vamos devagarinho para não nos suceder o mesmo que tem sucedido áqueles que tem procurado caminhar depressa.

— Vamos à história dos seis meses de existencia da sua casa...

— Seis meses de trabalho e sacrificio. Só quem conhece o nosso esforço o pode avaliar. Você que viu já as nossas instalações, pouco a pouco todos os dias melhoradas, é que pode ajuizar com justiça.

— E' certo.

— São já importantes os trabalhos que temos realizado. Em média temos filmado por mês uns 3000 metros de negativo de actualidades, paisagem e costumes portugueses.

— Já é um belo arquivo! Sei também que é notavel a obra de propaganda que a Lisboa-Film tem feito no estrangeiro por intermedio de entidades officiaes e particulares...

— Sim, os encantos da nossa paisagem cheios de cor e de vida, a grandiosidade dos nossos monumentos que atestam um passado historico brilhante, os usos e costumes da nossa gente que vive nas cidades, aldeias, campos e serras, e acima de tudo o nome português, livre e independente, têm sido transportados para terras distantes nos filmes que temos produzido. Para a Sociedade Historica Independencia de Portugal confeccionamos 15.000 metros de filmes para propaganda do nosso país no Brazil e na America. E' talvez a primeira entidade portuguesa que, reconhecendo o verdadeiro valor do cinema, fez com patriotismo e sacrificios uma propaganda inteligente e grandiosa. Não falo porque os interesses collidos dessa encomenda fossem bons. Não! Só desejamos interesses legitimos, honestos e dignos, porque de resto somos portugueses e como tal amigos do nosso país. Por ele faremos

Como trabalham e o que pensam
lazer os nossos cinematografistas

sacrificios quando sacrificios viermos da parte de quem nos pede. Neste momento estamos realizando filmagens importantes: Industrias Portuguesas, Paisagens. Trabalhos científicos, Escolas Agricolas etc., encomendas feitas por autoridades officiaes e particulares para o estrangeiro e para a proxima Exposição de Sevilha.

— Pelos contratos que temos firmado julgamos que até ao fim do ano não descansaremos um momento.

— Sobre filmes de arte?

— E' um assunto em que pensamos de uma maneira muito diversa da maioria dos que pelo cinema se interessam. Directamente, a Lisboa-Film só os fará quando reuna todos os elementos necessarios para tal fim. Precisamos ainda estudar muito, adquirir conhecimentos. Iremos ao estrangeiro adquirir bases artisticas, viver de perto junto dos grandes realizadores, estudar muito, porque muito temos de aprender, e só depois de conhecermos bem toda a engrenagem do cinema artistico é que pensaremos em fazer filmes de entrecho. Começaremos por investigar as condições de vida comercial que poderemos ter para defesa da nossa situação financeira e por educar os nossos colaboradores nas ideias que importarmos lá de fora, criando verdadeiros artistas, e só depois de termos quasi assegurado o nosso exito, pelo menos com probabilidades de boa realização, é que a Lisboa-Film entrará no campo das produções scenicas.

«Temos um medo horrivel do fracasso. Medimos bem as responsabilidades e as consequências dum desastre. Entendemos que para se fazer boa arte, dentro do cinema, é preciso fazer-se boa administração financeira.

— Também nos parece ser essa a boa doutrina. Ouvii falar numa projectada lei de protecção á industria cinematografica nacional?

— Boatos... Como quer que seja não pode sair obra decente, correcta e justa. Não foram ouvidos interessados e entendidos. Acho que para se desenvolver em Portugal precisa a industria dos filmes de uma ampla protecção do Estado, mas protecção de facto e não apenas de palavras.

— Quer dizer?...

E' preciso decretar medidas para proteger a situação actual que é positiva, e não para proteger situações futuras que são duvidosas. As leis fazem-se para se cumprir e portanto é preciso que elas contenham materia adequada ás circunstancias. Decretar exageros no sentido de beneficiar futuras intenções pode prejudicar o que de bom está feito.

— E' certo que a situação da cinematografia em Portugal se transformou radicalmente nos ultimos tempos...

— Radicalmente, é o termo... com a inauguração do Tivoli, cuja gerencia demonstra criterio artistico e perfeita administração comercial, com o estabelecimento em Lisboa de Agencias de duas das mais importantes casas americanas de filmes a Paramount e a Metro Goldwyn, com as importantes apresentações da Ufa, da casa Raul Lopes Freire, e a vinda de maravilhosas produções estrangeiras trazidas por Castelo Lopes. Consta-me além disso (segredo que pertence a meia dúzia de pessoas) que se projeta construir na parte mais central da baixa um grande teatro cinematografico com a lotação de 8000 pessoas, que será a primeira casa de espectaculos do país neste genero. Trata-se duma realização já em andamento, na qual estão interessados nomes importantes do nosso meio bancario e industrial.

— Uma ultima pergunta: quanto á critica?

— E' preciso que seja exercida por individualidades de reconhecida competencia e de bem formado criterio. A critica actual tem defeitos. Ha uma certa falta de escrupulo, por parte dos jornais, na escolha de criticos cinematograficos que por aí abundam sem se saber de onde veem, o que querem e para onde vão. E' outro problema grave a resolver.

OLDEMIRO CESAR